

A esperança e o tempo de espera, ontem e hoje

*Patrícia Saceanu**

A partir do filme *Nós que nos amávamos tanto* e buscando articulação com os temas do ano no CPRJ e na SPCRJ – o campo dos afetos e o sofrimento psíquico na atualidade –, entre inúmeros caminhos possíveis escolhi ressaltar a “esperança” como afeto, em articulação com a questão do “tempo de espera”, tão necessário e em falta no mundo contemporâneo.

Essa escolha não foi casual: temos urgência de esperança hoje!

O filme

O filme é muito afetivo: quase todos os afetos que poderíamos enumerar se encontram ali presentes, sempre de modo poético: além da esperança, vemos alegria, amor, amizade e, claro, também afetos tristes – tristeza, desilusão... Sempre com leveza e humor, o filme trata de questões profundas – individuais e coletivas – com evidente posicionamento ético e político.

Na história, depois de lutarem unidos em nome de um ideal em comum, criando fortes laços de quem enfrentou a morte juntos, três amigos se separam no final da guerra com a sensação de vitória e de um futuro cheio de esperança. A trama se desenvolve através dos encontros, desencontros, e das transformações nas vidas dos amigos. Por intermédio dos personagens, Scola dialoga de modo criativo com sua própria tradição, costurando a história da Itália no pós-guerra e a memória do cinema italiano com as vidas dos protagonistas¹.

* Psicanalista, doutora em Teoria Psicanalítica – UFRJ, membro efetivo do CPRJ.

¹ Por exemplo, são belíssimas as participações de Fellini e de Vittorio De Sica (a quem o filme é dedicado), presentificados de modo a definir os rumos da história de Scola.

Na passagem do tempo, Gianni tornara-se um advogado ambicioso, encarnando o retrato descrito pelo sogro corrupto: “o homem mais infeliz é o homem rico”. Tendo sacrificado seus ideais, suas amizades e um amor verdadeiro por uma vida de luxo, Gianni parecia o menos afortunado deles; Nicola um intelectual, cinéfilo e crítico, deixara seus laços afetivos com a família e o trabalho na universidade, colocava seus ideais acima de tudo e vivia atormentado em busca de reconhecimento; Antonio um enfermeiro sonhador, permanecera leal aos ideais da juventude e se manteve um militante, colhendo derrotas cotidianas sem perder a ternura e o bom humor.

Em comum entre os três, o amor pela mesma mulher, Luciana.

A continuidade entre os tempos: passado, presente e futuro

A narrativa de Scola é costurada de modo a manter sua continuidade ao longo de 30 anos, ancorados em heranças do passado, experiências presentes e perspectivas de futuro. Há diferenças nos modos de relação dos personagens com suas próprias histórias, o que tem efeitos sobre o presente de cada um. Vemos isso claramente na cena do reencontro entre eles, 25 anos depois: enquanto Antonio e Nicola podiam celebrar recordando, rindo e ainda brigando, Gianni se via completamente solitário. Para ele era impossível rememorar – seu passado não passara, não pôde ser integrado em sua história. Uma cena tocante mostra sua “alucinação” de um destino alternativo: Gianni se vê morto no campo de batalha, permanecendo assim como o herói do passado, poupando a si mesmo e aos amigos de um futuro sem ilusões.

A esperança sempre presente

Ao longo de todo o filme há esperança: os personagens acreditam num futuro melhor e se sentem responsáveis por isso, mesmo com todas as dores da guerra, do pós-guerra, das decepções na política e no amor: Antonio manteve sua esperança em alcançar seus ideais e o amor de Luciana. Após perder sucessivamente a amada para um e outro amigo, a (re)união de Antonio e Luciana no final inspira que “vale à pena esperar”; quanto a Nicola, seu “encontro” com o cineasta Vittorio De Sica, depois de anos em árdua defesa de suas posições, parece trazer o reconhecimento tão almejado, a comprova-

ção de um “sentido” para sua luta; Gianni parecia o único a ter perdido sua esperança, “sucumbido” ao gozo individualista do presente, de uma vida de riquezas, pobre em afetos. Porém, na bela cena em torno da fogueira, quase no final do filme, Gianni revela ter mantido ao longo das décadas sua esperança de reencontrar o verdadeiro amor de Luciana. Para ele o passado ainda era presente.

Um recurso fundamental: “a pausa para reflexão”

Poderíamos destacar inúmeras passagens belíssimas do filme, mas escolhi “parar” numa cena, ou melhor, num recurso que retorna em algumas cenas, que considero relevante para a psicanálise atual: a pausa para reflexão. O método consiste em um intervalo, uma pausa na cena, onde apenas um dos personagens ganha relevo, expressando sob um foco de luz seus pensamentos e sentimentos mais íntimos, enquanto os demais permanecem imóveis e obscuridos. Luciana e Antonio extraem este recurso de uma peça de teatro a que assistem juntos. É deste modo que Antonio revela a Luciana seu amor por ela, e é também assim que logo em seguida Luciana e Gianni se declaram apaixonados. Este recurso me pareceu uma boa tradução do tempo de parada para reflexão de que precisamos tanto na contemporaneidade.

Que contemporaneidade?

Muito distante do universo de Scola, hoje predominam as narrativas não lineares, fragmentadas e aceleradas, como vemos claramente refletido no cinema contemporâneo². São cada vez mais comuns as histórias de vazio, falta de sentido, puro gozo do presente, muitas vezes preenchido e anestesiado pelo consumo e pelas drogas. Neste ponto, considero importante evitarmos um discurso nostálgico, que consideraria melhores os “velhos tempos” de ideais fortes, narrativas lineares, hierarquias rígidas, etc. Sabemos que sempre houve sofrimento psíquico; porém, hoje sofremos de outros modos, e é fundamental

² Por exemplo, no filme *Trainspotting* (1996). Enquanto preparava este trabalho, eu soube do lançamento de *Trainspotting 2* (2017). Imersa na história destes 3 amigos de Scola ao longo de 30 anos, tive curiosidade em saber como estariam aqueles 4 amigos *junkies* dos anos 90, que viviam um presente sem passado nem futuro, 20 anos depois. Como esperado, muito pouco havia mudado...

refletirmos sobre as formas contemporâneas de sofrimento, e de que modo a psicanálise ainda pode contribuir.

Os afetos de hoje: tédio e indiferença

Vários estudiosos da sociologia – Bauman, Sennett, Giddens, entre outros – descrevem as mudanças que vivemos na pós-modernidade, que têm efeitos sobre as subjetividades, especialmente a ênfase na realização individual e na fruição imediata da vida. No campo dos afetos, nos deparamos com uma ampliação do tédio e da indiferença, que muitas vezes têm como ponto comum a desesperança. Em lugar de uma cultura voltada para os sentimentos, a ênfase atual no “consumo de sensações”³ teria como contraface o tédio. Sobre este tema Salem (2004) comenta que grande parte dos estudos atuais tende a descrever o tédio como uma experiência de mal-estar psíquico, ou até um “problema social”. Porém, o autor mostra que não foi sempre assim, que múltiplos sentidos foram atribuídos ao tédio ao longo dos tempos, incluindo alguns opostos ao atual: para os românticos, por exemplo, o tédio era uma “fonte de inspiração a ser cultivada”, um “privilegio de espíritos sensíveis”. Mesmo hoje, há quem considere o tédio de modo positivo: na psicanálise, Adam Philips (1996) o vê como “uma importante conquista no desenvolvimento infantil, que deve ser sustentada pelos pais”, como “um estado de expectativa suspensa”, “quase desejo”, uma “ânsia por substitutos que ainda não se apresentam”.

Já a indiferença, justamente uma ausência de afeto, é também destacada por vários autores como traço marcante na contemporaneidade, podendo ter graves consequências tanto no campo individual quanto no social.

Em *A cultura do narcisismo*, Lasch (1979/1983) afirmava que no chamado “individualismo narcísico” o sujeito se afasta de um compromisso com a esfera pública em proveito de uma busca pela autossatisfação. Indiferente a quaisquer ideais que estejam para além do eu, o sujeito contemporâneo evidencia sua preocupação exclusiva com a própria sobrevivência e com a satisfação imediata dos próprios desejos.

³ Expressão de Bauman, Z., em *Globalização: as consequências humanas* (p. 21).

O tempo presente: sem espera não há esperança

Desvalorizando seu passado, e descrente de sua própria capacidade de criar o futuro, o sujeito contemporâneo frequentemente é tomado de desesperança. Neste contexto, se enfraquecem os sentidos de continuidade e de identidade, fundamentais para a constituição subjetiva. A capacidade de suportar um tempo de espera é fundamental para que possa haver esperança. Ao mesmo tempo, sem esperança qualquer espera se torna insuportável.

Hoje, diante do excesso de informações que nos invadem sem cessar, em velocidade muito superior à nossa capacidade de processamento, exibem-se de modo igualmente veloz e invasivo “opiniões próprias” e a própria intimidade, sem tempo de parada para reflexão.

Com isso, assistimos muitas vezes à pura descarga ou a meras repetições, já que para a criação do novo é preciso tempo – tempo de espera, tempo de compreender. Neste tempo, é preciso alguma solidão e silêncio para que, enfim, se tenha algo a dizer, em nome próprio.

De Scola para a clínica contemporânea: a “pausa para reflexão” e a esperança

É radical a diferença entre a solidão e o tempo de espera necessários para cada análise, e a injunção ao “tempo do imediato” dos dias de hoje. Adam Phillips (1996) se refere à situação analítica como “uma curiosa solidão *à deux*” onde o paciente poderia “reconstituir sua solidão por meio do outro” (p. 47). De modo análogo ao recurso ressaltado no filme de Scola, considero que cada análise pode ser concebida como um exercício de “pausa para reflexão”.

Além do tempo necessário para que uma verdadeira intimidade se constitua e se expresse (o que não é o mesmo que se “exibir”), esta experiência de “solidão a dois”, favorece o sentimento de continuidade, fundamental para a esperança. Cada vez mais autores, desde Ferenczi, vêm enfatizando a necessidade de uma clínica psicanalítica que privilegie o encontro afetivo: trata-se de uma psicanálise que depende da presença empática e sensível do analista, que seja capaz de “sentir com” o seu paciente e, muito além da interpretação, possa acompanhá-lo na construção de novos sentidos.

Zeferino Rocha (2007), no artigo *Esperança não é esperar, é caminhar*, comenta que habitualmente se diz que a psicanálise se preocupa apenas com o passado do sujeito. Mas, “se é fato que o que somos hoje começou a ser construído

por aquilo que fomos ontem, o que seremos amanhã dependerá de nossa capacidade de sonhar, hoje”. E a esperança é o que sustenta esta capacidade de sonhar, alimenta as fantasias de desejo e cria nossos projetos de futuro. Assim sendo, afirma o autor, “não seria difícil mostrar que todo trabalho clínico é sustentado e impulsionado pela esperança”. Neste sentido, escreve que a esperança é “um apelo que nos convida a caminhar e a ir sempre adiante pelos caminhos da vida”.

Concordando com Zeferino Rocha (2007), poderíamos acrescentar que se “esperança é caminhar”, esperamos que em cada análise nossos pacientes possam caminhar bem acompanhados, nesta “curiosa solidão a dois”, suportando ativamente (e não passivamente) o tempo de espera necessário. Luís Claudio Figueiredo (2003) no texto *O paciente sem esperança e a recusa da utopia* nos mostra as grandes dificuldades no caminho de uma clínica com “pacientes sem esperança”: considera a esperança como um “princípio organizador da vida psíquica”, que vai muito além de algum otimismo pontual, e que tem papel fundamental na estruturação da subjetividade humana. Diante de “pacientes impacientes, que não sabem nem podem esperar, e vivem angústias desesperadas”, caberia a cada analista – sem ingenuidade nem desânimo – a sustentação de um laço possível, da esperança de um bom encontro.

Para concluir: o cinema como “exercício da empatia”

Sabemos que a psicanálise e o cinema não apenas são contemporâneos em suas origens, mas sempre foram muito próximos. Não à toa estamos hoje e há muito tirando proveito de tal afinidade. Considero que o cinema pode exercer função importante atualmente, em nosso mundo acelerado, onde as conclusões têm vindo por impulso antes do tempo necessário para a compreensão: o cinema pode contribuir muito para o “exercício da empatia”⁴, da capacidade de se colocar no lugar do outro, de sentir o seu sofrimento como se fosse nosso, e também de colocar em perspectiva o próprio sofrimento como se fosse de outrem, numa dinâmica de estranho-familiar.

Com Scola, o público sente na própria pele os afetos dos personagens: compartilha do preço que Gianni paga em nome da fortuna, se identifica com as injustiças que Antonio sofre no trabalho e suas sucessivas perdas no amor, com a busca incansável de Nicola por reconhecimento, as dificuldades do povo

⁴ Amós Oz (2004) faz referência a um “exercício de tolerância” ao afirmar que a literatura contaria “um antídoto ao fanatismo ao injetar imaginação em seus leitores” (p. 33).

em conseguir vagas para os filhos nas escolas públicas... Enfim, este é um filme que emociona, e demanda um tempo de parada para reflexão. Não há como ficar indiferente a esta obra.

Por fim, faço coro com Nicola: “o cinema deveria ser ensinado nas escolas!”

Maio de 2017

Patrícia Saceanu

psaceanu@hotmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: JZE, 1999.
- FIGUEIREDO, L. C. O paciente sem esperança e a recusa da utopia. In: _____. *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.
- LASCH, C. (1979). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- OZ, A. *Contra o fanatismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- PHILIPS, A. *Beijo, cócegas e tédio*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1996.
- ROCHA, Z. Esperança não é esperar, é caminhar. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10, n. 2, jun. 2007.
- SALEM, P. *Do luxo ao fardo: um estudo histórico sobre o tédio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.